



SEIXOS ROLADOS

LUIZA HELENA TANNURI LAMEIRÃO



que segredo eles contam?

SEIXOS ROLADOS

que segredo eles contam?

Luiza Helena Tannuri Lameirão



EDITORA
João de Barro

São Paulo

2018

©Luiza Helena Tannuri Lameirão

REVISÃO

Marco Antônio Clímaco
Mariangela Motta de Lucca
Sandra Seabra Moreira

PROJETO GRÁFICO

Ricardo Tilkian

FOTOS

Beth Aragão
Cecilia Tilkian
Renata Alkmim
Ricardo Tilkian

Direito desta edição reservados à

João de Barro Editora Ltda
Rua Barão do Triunfo, 88, sala 1612.
04602-000 São Paulo-SP
Tel/fax: (11) 5681-4042
contato@editorajoaodebarro.com.br
www.editorajoaodebarro.com.br

1ª edição
2018

Ficha catalográfica

Este livro é fruto de um sonho vivido às margens de um lago sereno como um espelho, que escorre em fios d'água que ora se aproximam, ora se alongam, distanciando-se. Tornou-se realidade por meio do trabalho ao longo de décadas, com parceiros que ora se aproximaram, ora se distanciaram.

A todos, minha gratidão.

*Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só.
Mas sonho que se sonha junto é realidade.*

Eis o livro

A essência dos contos em um caminho de quatro passos



PREFÁCIO

Esse livro nasceu de um sonho vindo da noite; Luiza o recordou logo ao despertar e anotou em um pequeno pedaço de papel. Seu sonho mostrou uma sequência de doze contos com uma ordem clara e precisa que será apresentada aos leitores nesse livro. Cada conto vem seguido de imagens e reflexões que podem nos despertar como um convite a percorrer nosso próprio caminho de percepções. Assim, o formato do livro inclui ainda um espaço para o leitor fazer suas observações e anotações.

Luiza tem uma intensa relação com as imagens. Como uma artista da palavra, em suas aulas e palestras, ela as utiliza tornando-as vivas e interativas. Sua relação com as imagens é também de confiança; tanto para aquelas vindas da noite, nos sonhos; como para aquelas reveladas nos contos, na corrente da humanidade.

Assim surgiu a decisão de transformar o sonho em livro!

Os seixos são pedras duras na sua essência. Rolados, trabalhados, são como rastros de uma história que aconteceu com eles no tempo, no fluxo da água. Este livro, como um seixo, pode ser lido e relido muitas vezes; lapidando e transformando os conteúdos, o leitor adulto e educador poderá obter informações preciosas.

Como educadora e mãe, a autora convive há muitos anos com os contos. Esse tema vem sendo cultivado no tempo com dedicação e perseverança. Sua longa relação com a antroposofia e antropologia também lhe propiciaram um conhecimento amplo do ser humano, através de uma constante e dedicada busca de autoconhecimento e da observação interessada do mundo ao seu redor.

Nesse processo, Luiza se inspirou no método de observação de Goethe, criando um caminho original de compreensão de contos em quatro passos.

Esse método desenvolvido pela autora vem sendo aplicado inúmeras vezes em cursos e formações. Neste livro, mais uma vez, ele é apresentado como um novo instrumento de aproximação dos contos.

Após longo tempo narrando histórias para crianças e jovens, buscando compreensão maior acerca dos contos, Luiza desenvolveu esse caminho original, em quatro passos, que vem sendo aplicado inúmeras vezes em cursos e formações. Nesse livro, mais uma vez, ele é apresentado como um novo instrumento para o adulto vivenciar e se aproximar dos conteúdos dos contos.

Para cada conteúdo ao qual ela se dedica é revelado um profundo interesse e amor pelo humano, traduzidos em propostas inovadoras e solidárias, agregadoras de pes-

soas de diferentes grupos e que enaltecem qualidades, potencialidades e expressividades individuais. Luiza enobrece o encontro humano e vem, desta forma, promovendo várias iniciativas e projetos sociais. Dentre muitos: alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire (1969), fundação do Colégio Micael (1979), formação de educadores comunitários – Aliança pela Infância (2000) e de Organizações não Governamentais (2007). Dentre muitos: ainda jovem, dedicou-se à alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire (1969). Mais adiante, à fundação do Colégio Micael (1979), formação de educadores comunitários na Associação Comunitária Monte Azul (2001), co-fundadora da Aliança pela Infância (2000). Concebeu o Programa Ilumina, do Instituto Olinto Marques, no qual vem, há onze anos, trabalhando na formação continuada de educadores de Organizações não Governamentais e creches públicas.

Em todo o seu caminho de vida suas conquistas sempre foram generosamente compartilhadas, e dessa vez não foi diferente: Luiza nos convidou a participar da elaboração desse livro.

Durante quatro anos nos encontramos semanalmente; nos aproximamos desse projeto como crianças, que brincando juntas, desvendam um novo universo. Foram encontros calorosos, repletos de emoções e descobertas. O quarteto até ganhou identidade após a leitura de um dos contos – inspirada nesse ser que se enverga nas adversidades mas tem a força de manter sua verticalidade. Assim, carinhosamente nos batizamos de “Bambus”.

Foi uma honra participar do processo de elaboração desse livro ao lado de Luiza.


Vive em nós um sentimento de profunda gratidão por todo o caminho percorrido. Gratidão pela coragem e ousadia de inovar com esse método caminho que nos conduz ao exercício social, nos colocando diante de nós mesmos e do outro, e de toda a corrente da humanidade.

Por fim, agradecemos pela humildade da autora em possibilitar nossa participação com tanta abertura, onde compartilhamos dias de muita alegria e entusiasmo, onde ouvimos e fomos ouvidas.


Que você, Luiza, possa ouvir o eco de todo este maravilhoso trabalho que você tem construído! que vem construindo!

Beth Aragão, Cecilia Tilkian e Renata Alkmim


SUMÁRIO


18  *"... eu estava amarrada ao meu princípio. E tive uma mãe que cantou só para mim. Esse embalo deu sombra à minha infância e fez demorar o animal que havia em mim."*


24  *"e para te reconhecer
mudei de corpo
troquei de noites
juntei crepúsculo e alvorada"*

30  *"O efêmero é o que de mais belo possui o eterno."*


36  *"A poesia mora é nas entrelinhas
Mora no branco puro do papel"*


42  *"O que a memória ama fica eterno."*


48  *"Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara"*


"De que suspende o beija-flor sua simetria deslumbrante?"  54

Dentro não há lugar apertado, não nos perdemos em excessos...  60

Na porta, uma pequena abertura fresta permite olhar para dentro  68

Quando os desejos se realizam, alguma sabedoria se efetiva.  76

Do lado de fora do portão, há um burrinho tocando alaúde...  84

O que pode mover tal panorama que me convida a permanecer?  92



*Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão e olha devagar para elas.*

Seguem rolando os seixos que se colocam no caminho ou que são buscados no lodo, ou nas encostas pedregosas... sempre acariciados, os seixos se alisam, se arredondam. Das muitas nascentes em que rolam seixos, fontes de riachos que correm, espraiam, tornam-se rios, cachoeiras, lagos e chegam ao mar... tomaremos um único fluxo, na busca por integrar pureza e sabedoria. Um caminho entre tantos outros, com a certeza de que todos chegam ao mar. Espero encontrar os outros caminhos para me encantar, marolar, e soarmos juntos!

Os contos, passados de geração em geração por meio da tradição oral, trazem na linguagem a qualidade de seixos rolados, pois narrados dessa forma no decorrer dos tempos tiveram a linguagem polida, arredondada. Também sofrem perdas ou desgastes. Como podemos nomeá-los? Não poderíamos dizer apenas “tradicionais”, pois se assim fossem, como tantas outras convenções tradicionais, se tornariam anacrônicos. Entretanto, quantas nuances essas realidades arquetípicas nos trazem! E por que será que essas histórias trazem realidades tão especiais, invisíveis, mas ao mesmo tempo tão autênticas, que podemos vivenciá-las como perenes na alma humana?

“...Tão antigo e tão novo como a luz de cada dia!”

Essa milenar forma de comunicação ainda está viva entre nós, brasileiros, nos repentistas, contadores de casos e nos folhetos de cordel. Podemos também acessar os conteúdos dessa rica linguagem por meio de lendas, ditos, parlendas e cantigas populares que foram amplamente registrados. Os ditos populares, por exemplo, preservam como pérolas o que essa linguagem conta de verdade imediata, com amplitude de imagem. Como disse repetidas vezes Francis Edmunds, cada imagem é uma revelação prévia da verdade e fala diretamente ao coração através dos sentimentos; posteriormente, a verdade dessa imagem revela-se como compreensão plena, com clareza e lucidez. Sendo tão concisos, os ditos populares têm ainda a qualidade de expressar a imagem com precisão.

“Quem espera sempre alcança, três vezes salve a esperança!”

Dito popular

Imagens, imagens e imagens: é assim mesmo. E quanto mais essas imagens forem coloridas, bem matizadas, bem presentes em detalhes, mais estarão fortes no fluxo da narrativa – começo, meio e fim. Os diálogos e as pequenas estrofes brilham como joias no fluxo da narrativa. São preciosidades que promovem, no caso dos diálogos, contato direto com os personagens envolvidos na trama; nas singelas estrofes, vivenciamos com maior intensidade o caráter poético da linguagem, que ao ser narrada encanta o ser humano pela sonoridade, articulação, melodia e timbre.

Contar de boca a ouvido faz parte da vida. A musicalidade da linguagem é o que levamos para o futuro por meio da memória, o que mais perdura em nosso íntimo. Por meio da voz, podemos criar um ambiente amplo e íntimo, acolhedor e límpido, sagrado! A presença do calor também faz parte desse ambiente, e é tão decisiva que, ao aquecer, vivencia-se o recolhimento, um entardecer na intimidade. E ao finalizar a narrativa, amanhecemos como se acordássemos de um sonho pleno de imagens sonoras.

Quem ouve e acolhe os contos na intimidade não buscará seus conteúdos na realidade exterior, pois eles não são condizentes com ela, mas sim, caminhará pelas imagens que revelam o humano em processos autênticos. Os personagens evidenciam as múltiplas facetas de um indivíduo humano, que constantemente vivencia seu desenvolvimento por meio da superação de desafios. Essa conquista o leva em direção à autonomia. É uma trajetória individual, nela constatamos facilmente a solidão. Entretanto, ao permanecer na relação com um conto, chegamos a diferenciar o que vive dentro. Para tal, o mundo interior exige pausa, silêncio e intimidade.

Intimidade para aninhar as preciosidades que nutrem e são iluminadas no amanhecer da alma. O acesso fiel e sutil à delicada intimidade nos provê a força da presença. Assim, o espaço interior é visitado, ampliado e movido.

“O silêncio é mina, fonte de onde jorra a subversão capaz de ocupá-lo. Não se toca no silêncio, mas, por meio dele, adivinhamos o nosso destino”.

Bartolomeu de Queirós

É curioso pensar que, em nossas buscas sempre tão individuais, encontramos tantos outros seres humanos que se mobilizam internamente e matizam em múltiplas tonalidades o que é ser humano. A humanidade legou mais um tesouro que nos leva ao movimento. A necessidade do corpo humano de mover-se e nutrir-se corresponde à necessidade da alma, em especial à da alma infantil, de nutrir-se e mover-se no que flui dos Contos de fadas. Assim, a humanidade legou alimentos para os corações e almas jovens, e para os que jamais envelhecem. A alma bem nutrida na infância ampliará essa capacidade por toda a vida. As realidades entoadas e narradas são como sementes, e em nosso íntimo serão plantas vivas, mais do que centenárias, perenes.

“Pode a própria semente ser sua necessária terra?”

João. Guimarães Rosa

Quando as imagens dos contos aparecem nos sonhos, já estão em conversa com alguma realidade íntima. É interessante: essa conversa conduz a reflexões próprias como se abríssemos uma porta da qual antes não tínhamos a chave.

O vínculo com o mundo das imagens traz a possibilidade de remover cortinas, vidraças, janelas, portas ou mesmo couraças que criamos para o nosso mundo interno. O desvelar é lento e na direção contrária à da avalanche de impressões sensoriais que tende a nos devorar quando estamos desatentos. Às vezes, uma única imagem do conto já é capaz de romper estas camadas, pois evocam no íntimo o anseio pela origem espiritual do ser humano. É como se conquistássemos a possibilidade de flexibilizar a relação entre os mundos interior e exterior. As imagens autênticas se localizam na periferia da alma humana e quando visitadas, cultivadas, tornam-se mais elásticas, flexíveis. Ao refletir sobre essas imagens, elas se entrelaçam e formam um manto de proteção da alma.

Misterioso e complexo, o mundo dos contos poderia levar a devaneios. Quando nos aproximamos desse mundo, nos sentimos acolhidos, compreendidos ou, pelo menos, atendidos? Cada conto responde uma pergunta que vive em mim. Quais são

essas perguntas e onde elas habitam? Muitas vezes, são perguntas das quais eu nem mesmo tinha consciência. Porque há coisas que permanecem ocultas, escondidas e podem voltar no futuro com maior intensidade do que as que ainda hoje são segredadas. Por mais paradoxal que soe, os contos também trazem as respostas pelas quais almejávamos tanto. Conviver com as sombras, pressentir a luz, e não eliminá-las.

Com as mais diversas sementes que a natureza oferece, observamos um bom exemplo disso. Cada semente é uma promessa. A natureza entrega inúmeras sementes; todas elas poderão brotar, crescer, florescer e frutificar. Mas nem todas encontram ambiente propício para percorrer esse processo. Assim sendo, o que foi feito da esperança que toda semente guarda? Ainda assim ela cumpre o seu papel: devolve vitalidade para o solo, torna-se alimento imprescindível para seres humanos e animais. Doa-se, e apesar de não ter feito seu caminho como espécie, abre espaço para outras sementes germinarem.

Que sementes aninho em mim? Como despertá-las?

Os conteúdos arquetípicos guardados e transmitidos por meio das narrativas orais, quando cultivados, ressoam no interior, muitas vezes, a partir de vivências individuais. Entretanto, tais vivências não são o único caminho; pois de uma imagem podemos dizer “não é apenas isso, é sempre muito mais do que isso”, como afirmou o grande Bachelard. É importantíssimo dialogar com as possíveis vertentes que emergirão, pois, havendo a possibilidade de que a imagem é maior, até ampliamos, ramificamos e detalhamos nossas vivências.

*“Vivendo, se aprende, mas o que se aprende, mais,
é só fazer outras maiores perguntas”.*

João. Guimarães Rosa

“... eu estava amarrada ao meu princípio. E tive uma mãe que cantou só para mim. Esse embalo deu sombra à minha infância e fez demorar o animal que havia em mim.”



Quando uma mulher de certa tribo da África sabe que está grávida, segue para a selva com outras mulheres, e juntas rezam e meditam até que apareça a canção da criança.

Elas sabem que cada alma tem sua própria vibração que expressa sua particularidade, unicidade e propósito.

As mulheres entoam a canção e a cantam em voz alta. Depois retornam à tribo e a ensinam a todos os demais. Quando nasce a criança, a comunidade se junta e cantam-lhe sua canção.

Depois, quando a criança começa sua educação, as pessoas reúnem-se e cantam sua canção.

Quando chega à fase adulta, as pessoas juntam-se novamente e cantam.

Quando chega o momento do seu casamento, ela escuta sua canção.

Finalmente quando está prestes a morrer, a família e os amigos aproximam-se de sua cama, e como ocorreu na hora de seu nascimento, cantam-lhe sua canção, a fim de acompanhá-la na transição.

Nesta tribo na África há outras ocasiões na qual os habitantes daquela região cantam a canção. Se, em algum momento durante sua vida a pessoa comete um crime ou um ato social aberrante, é levada ao centro do povoado e as pessoas da comunidade formam um círculo ao seu redor. Então, cantam-lhe sua canção.

A tribo reconhece que a correção para as condutas antissociais não é castigo; é o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade. Quando reconhecemos nossa própria canção deixamos de ter desejos, ou necessidades de fazer algo que possa prejudicar as pessoas. Seus amigos conhecem sua canção e a cantam quando você a esquece. Aqueles que o amam não podem ser enganados pelos erros que comete ou as escuras imagens que mostra aos demais. Eles se lembram da sua beleza quando você se sente feio; da sua integridade quando você está desanimado; sua inocência quando se sente culpado e de seu propósito quando está indeciso.

Não necessito de uma garantia assinada para saber que o sangue das minhas veias é da terra e sopra minha alma como o vento, refresca meu coração como a chuva e limpa minha mente como a fumaça do fogo sagrado.



As percepções auditivas são básicas, desde o batimento cardíaco de minha mãe, estando eu ainda em seu ventre.

Elas se ampliam com as vozes dos familiares, os sons da natureza, as músicas das quais gosto.

E uma pergunta pode me acompanhar: qual é a minha música?

Será que ouço minha própria música sem o outro?

Será que é possível descobrir a música do outro sem estar na floresta?

Como não consigo ouvir a música do outro, ouço a minha própria voz.

É necessária uma aldeia inteira para educar uma criança

Provérbio africano

